

Colonização de ontem e imigração de hoje: crítica pós-colonial de Abdelmalek Sayad ao Estado-nação*

*Miles Reding***

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas quatro décadas, a França tem se engajado em um debate contencioso sobre a reconciliação da diferença étnica e da pluralidade cultural com os valores republicanos. Os acadêmicos se envolveram nessa controvérsia pública, desde o início, entrando na briga com ativistas, especialistas e intelectuais públicos. O debate envolve o que tem sido chamado de “consenso neorrepblicano”, referindo-se a um presumido entendimento comum de pertença e cidadania nacionais, remetendo a uma tradição política que surgiu, pela primeira vez, durante a Revolução Francesa¹. Ao pensar sobre a vida francesa após o império, e onde antigos súditos coloniais e suas famílias se encaixam na sociedade, políticos e intelectuais se posicionaram dentro de uma estrutura consensual de que a nação francesa era e deve ser uma República democrática na qual todos os cidadãos eram livres e iguais, porque todos incorporavam valores fundamentais semelhantes (liberdade individual, liberdade de expressão, Estado laico e de Direito, por exemplo). O neorrepblicanismo não ficou isento de críticas. Nos anos 1980, quando, argumenta-se, surgiram críticas ao consenso neorrepblicano, escritos de intelectuais, como Michel Wieviorka, enfatizaram o racismo em relação aos norte-africanos e oeste-africanos, em particular como indicativo da incapacidade das instituições republicanas atuais de aderirem aos parâmetros ideológicos incorporados no consenso. A imigração era, portanto, uma lente comum através da qual os intelectuais enquadravam suas críticas ao neorrepblicanismo. No entanto, apesar da presença de alguma oposição manifestada ao consenso neorrepblicano, como a de Wieviorka, ainda havia um corpo maior de comentaristas sobre imigração que abordaram a política de imigração e o *status* dos imigrantes dentro da estrutura do consenso neorrepblicano².

Os autores, apresentados como representativos, de textos críticos sobre imigração ao consenso neorrepblicano têm sido, em grande parte, de origem não-imigrante. Mas, os próprios imigrantes também têm se envolvido

* Tradução e revisão técnica: José Carlos Alves Pereira, CEM – Centro de Estudos Migratórios

** Departamento de História da Northwestern University - University Fellowship

intelectualmente com a questão da imigração. Um participante da crítica ao consenso neorrepblicano, na década de 1980, foi o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad. Na vanguarda de sua preocupação com a visão dominante de pertencimento e cidadania nacional, estava a condição de imigrante na França. Sayad dedicou sua carreira acadêmica a entender essa condição e, ao fazê-lo, emergiu como um dos pioneiros da sociologia da imigração³. A contribuição acadêmica de Sayad para esse campo o levou, além das reivindicações da ciência social objetiva, a tomar posições sobre questões públicas que afetam a situação dos imigrantes e, assim, oferecer uma voz moral ao lado de suas investigações científicas. Descrito por um amigo como um *“homme-frontière”*, ele estava situado entre o que foi chamado de *“intelectual singular”*, cuja voz principal é a do cientista social, e uma voz moral de envolvimento público, tipificada primeiro por Emile Zola e, posteriormente, por Jean Paul Sartre⁴. Seu projeto era duplo: por um lado, entender e articular a experiência vivida dos migrantes argelinos e, por outro, criticar as forças de dominação na sociedade que tiveram efeitos particularmente adversos em grupos-alvo - incluindo os migrantes argelinos. Foi no contexto desse papel que ele formulou sua crítica ao consenso neorrepblicano, em que a problemática da imigração estava na frente e no centro. Portanto, este artigo tem como objetivo apresentar as reflexões de Sayad sobre a imigração em relação à nação republicana e também apontar Sayad como um participante ativo no debate intelectual sobre o relacionamento do Estado-nação com a imigração.

O ensaio se desdobra em várias seções. Primeiro, descrevo o contexto social, político e intelectual em que Sayad operou, para fornecer uma noção do clima em torno do debate sobre imigração na França pós-colonial e a resposta intelectual a essa problemática: o consenso neorrepblicano. Depois, focarei, mais especificamente, sobre como cientistas sociais franceses, em particular, abordaram a imigração em relação à questão nacional. Esta seção apresentará detalhes concretos das várias formas de neorrepblicanismo na academia. Colocarei, simultaneamente, as análises sociais de Sayad relativas à imigração e ao Estado-nação frente a outras interpretações sociológicas, a fim de revelar a singularidade da posição de Sayad e demonstrar a natureza do seu envolvimento intelectual. Como um intelectual, Sayad foi motivado a direcionar suas energias para uma esfera institucional específica de poder, e, para ele, essa era a Academia. Embora ele não visasse explicitamente nenhum pensador social em particular, os escritos de Sayad refletiam um interesse manifesto em influenciar o discurso acadêmico em torno da imigração e seu relacionamento com a nação republicana.

Depois de examinar as correntes gerais do pensamento social em torno da imigração pós-colonial na França, volto a uma análise mais profunda dos principais elementos da posição de Sayad em relação ao neorrepblicanismo e à questão da imigração. Primeiro, Sayad afirmou que o tratamento da imigração pela França revelou a natureza excludente e, por extensão, idiossincrática

de todos os estados-nação. O segundo elemento principal de seu argumento postulava que o Estado-nação francês, em particular, estava corrompido porque a República estava, inextricavelmente, ligada à sua história colonial. Como consequência, as forças de dominação aos súditos coloniais moldaram as maneiras pelas quais instituições, administradores e cidadãos republicanos interagem com os imigrantes pós-coloniais. Considero essa posição fundamentalmente divergente do consenso neorepublicano. Embora pretendesse que seus escritos funcionassem como um comentário geral sobre as conexões entre migração e Estado-nação, Sayad construiu análises sociais sobre sua experiência profundamente pessoal conectada à migração franco-argelina.

Por isso, emprego os termos “Estado-nação” e “República” como uma reflexão do fato de que a análise social de Sayad sobre o Estado-nação não é apenas uma crítica geral a todos os sistemas de Estado-nação mas, também é, necessariamente, crítica ao sistema republicano francês. Além de iluminar as realidades exclusivistas e neocoloniais da República, Sayad interpretou as respostas dos imigrantes ao sistema republicano como uma reiteração das táticas de resistência anticolonial. Portanto, também vejo a sociologia do Estado-nação de Sayad como uma continuação de sua agenda intelectual de longo prazo que começou durante a Guerra da Argélia: entender e combater as relações de dominação, das quais o colonialismo era uma manifestação extrema.

Ao situar Sayad na história intelectual francesa do final do século XX, este artigo aborda a historiografia da imigração pós-colonial na França, com ênfase particular no tratamento acadêmico das respostas dos intelectuais à imigração. Embora os estudiosos da imigração tenham examinado em profundidade as políticas do multiculturalismo e como o ativismo dos imigrantes funcionou, eles foram mais lentos em abordar, de frente, as dimensões intelectuais da controvérsia da imigração. Alec Hargreaves, por exemplo, examinou como a visibilidade de não europeus na França reformulou a cultura política, reformulou as linhas partidárias e criou uma enorme ansiedade, por parte dos franceses, sobre como reconciliar o multiculturalismo com os valores republicanos tradicionais do universalismo. Ele, juntamente com Gérard Noiriel, também mapeou práticas discriminatórias, anti-imigrantes, relacionadas a emprego, moradia e policiamento. Hargreaves ainda chamou a atenção para o envolvimento cultural e político da “segunda geração” como parte de suas estratégias de reconhecimento⁵. Richard Derderian enfatizou as maneiras pelas quais a “segunda geração” aproveitou ao máximo as novas formas de mídia de massa para ganhar visibilidade⁶. A antropologia urbana de Paul Silverstein das comunidades de imigrantes argelinos em Paris é rica em detalhes sobre as expressões políticas e culturais mais amplas analisadas por Hargreaves e Derderian, além de evidenciar como a marginalização e a liminaridade criaram um espaço para a construção de identidades híbridas⁷. No âmbito dessas pesquisas foram feitas poucas articulações entre imigração, multiculturalismo e vida intelectual. Minha análise da sociologia de Sayad sobre o Estado-nação revela que os imigrantes também encontraram expressão através do engajamento intelectual.

As pesquisas citadas também não colocam as questões sobre migração e multiculturalismo dentro de um momento histórico amplamente definido. A história da França de Emile Chabal, após a década de 1970, é, no entanto, uma exceção importante à falta geral de pesquisas históricas nesse período. Chabal argumenta, convincentemente, que um ressurgimento republicano, o que ele identifica como um “consenso neorrepblicano”, é o tema abrangente através do qual devemos entender a França pós-colonial como uma época. Segundo seu relato, imigração, multiculturalismo e pós-colonialismo foram as forças motrizes que motivaram os atores públicos na França a buscar um consenso neorrepblicano.

Uma redescoberta do republicanismo apaixonado - articulada de várias formas - substituiu a era das grandes ideologias que definiram a era do pós-guerra. Nesse sentido, Chabal argumenta que o lugar do intelectual não perdeu sua importância na França, como tem sido frequentemente argumentado. Em vez disso, enquanto os intelectuais na era do pós-guerra se definiam em relação ao comunismo, liberalismo ou em relação a uma via intermediária, os parâmetros do discurso intelectual após a década de 1970 mudaram predominantemente para o neorrepblicanismo⁸. Este artigo destaca o argumento de Chabal, mostrando que grande parte do trabalho sociológico mais importante sobre imigração e questões de multiculturalismo foi conduzido dentro dessa estrutura neorrepblicana. É por isso que emprego o termo “neorrepblicanismo”. Chabal está certo ao apontar Michel Wieviorka e Nicolas Bancel, estudiosos do pós-colonialismo, como algumas das vozes mais importantes das ciências sociais para comentar, criticamente, sobre o modelo neorrepblicano. Mas, argumento que Abdelmalek Sayad também foi uma voz consequente. De fato, minha análise deixará claro que a crítica de Sayad à ideia republicana de Estado-nação foi ainda mais abrangente do que a de Wieviorka⁹.

Este artigo também dialoga, em particular, com a atual historiografia sobre Sayad. A pesquisa histórica mais significativa, até o momento, inclui a de “Abdelmalek Sayad e a dupla ausência”, de Emmanuel Saada, e uma biografia coescrita por Jammet, Montlibert e Yacine-Titouh. O trabalho anterior forneceu informações cruciais sobre a metodologia de Sayad, particularmente sobre a natureza interdisciplinar de sua sociologia (uma combinação de sociologia, antropologia e etnologia). Saada também detalhou os principais elementos das contribuições teóricas de Sayad para os estudos de imigração. Sua teoria da “dupla ausência” (um termo que ele nunca empregou diretamente) explicou a condição do imigrante em termos de liminaridade: como imigrantes, os indivíduos nunca pertenceriam totalmente ao país da imigração; como emigrantes, eles também nunca seriam totalmente divorciados do país de origem. Por fim, Saada se voltou para a análise de Sayad sobre o Estado-nação, argumentando que ele chegou a essa categoria de análise mais tarde em sua carreira. Ela elucidou a afirmação de Sayad de que o estudo da relação entre migração e Estado-nação revelou as maneiras multifacetadas pelas quais o Estado-nação reproduz a exclusão de não-nacionais em vários níveis sociais, jurídicos e institucionais¹⁰.

O presente artigo leva a análise de Sayad sobre migração e o Estado-nação a um passo adiante, mostrando que a sua linha de raciocínio teve implicações mais profundas para o debate nacional na França, durante as décadas de 1980 e 1990, sobre a forma futura da República. Ao usar sua experiência em imigração, como uma lente através da qual pudesse desconstruir o Estado-nação, ele fez uma importante contribuição ao discurso intelectual na França pós-colonial, mesmo que tal contribuição não fosse, necessariamente, bem-vinda pela comunidade intelectual específica a que se dirigia, a Academia.

Outro grande estudo sobre Sayad, é o de Jammet et al. É principalmente biográfico e enfatiza as experiências de Sayad durante a Guerra da Argélia. Ao limitar a narrativa à vida de Sayad antes de chegar à França, a monografia exclui, necessariamente, muita discussão sobre as principais contribuições intelectuais que Sayad fez às discussões francesas sobre imigração e nacionalidade. Os autores fazem bem em refletir sobre a maneira pela qual a Guerra da Argélia moldaria a agenda sociológica de Sayad: ele veria os imigrantes argelinos como as últimas vítimas do domínio francês sobre grupos subalternos; e em seus escritos sobre o Estado-nação prestaria muita atenção em como os legados do colonialismo moldaram as relações da República com os imigrantes pós-coloniais¹¹. É por isso que vejo nos escritos de Sayad sobre o Estado-nação uma clara continuação de seu projeto intelectual anticolonial de longo prazo. Seus próprios objetivos intelectuais se encaixavam perfeitamente com o desenrolar da problemática da imigração na década de 1980.

2 O “PROBLEMA” NACIONAL DA IMIGRAÇÃO E A RESPOSTA DA ACADEMIA

O contínuo fraco desempenho da economia coincidiu com o aumento da visibilidade sobre os imigrantes - especialmente destacado pelo fato de que seus filhos estavam começando a atingir a idade de maturidade. Durante um período de crise, as ansiedades francesas - sejam econômicas, culturais ou identitárias - foram projetadas em imigrantes não europeus na forma de xenofobia, racismo, discriminação e, cada vez mais, islamofobia¹². Na década de 1980, diante do pano de fundo da insegurança socioeconômica generalizada, uma problemática centrada no pluralismo cultural, gerado pela imigração, tornou-se um dos dilemas políticos, sociais e intelectuais que a França pós-colonial enfrentava.

A problemática da imigração foi recebida com uma variedade de respostas. Por meio de protesto e expressão cultural, os norte-africanos de “segunda geração” (comumente conhecidos como *Beurs*) afirmaram publicamente seus direitos como cidadãos e seu “direito à diferença”. Eles exigiram participação igual na política e na economia, direitos iguais e o direito de ser francês, ao mesmo tempo em que abraçavam uma herança cultural específica. Essa agenda encontrou sua articulação mais clara através do movimento antirracista conhecido como *SOS-Racisme* que realizou sua primeira e mais famosa marcha

em 1983¹³. O ativismo imigrante certamente abalou também a cultura política da nação. No mesmo ano em que a *SOS-Racisme* realizou a chamada *Marche des Beurs*, o partido de extrema-direita de Jean-Marie Le Pen, o Front National (FN), concorreu a escritórios locais com um programa descaradamente racista, xenófobo e alcançou considerável número eleitoral. Temendo por sua sobrevivência política, a direita dominante cooptou os princípios fundamentais adotados pela FN: a pluralidade cultural era considerada um anátema para a República; os grupos de imigrantes (leia-se: não europeus) que, aparentemente se recusavam a assimilar, tinham o direito de serem diferentes, mas deviam exercer esse direito em seu país de origem. Se os políticos de direita insistiram amplamente que os imigrantes não europeus não poderiam e não desejavam assimilar (e que, portanto, deveriam ser repatriados), a posição da esquerda era de que poderia haver um lugar para imigrantes pós-coloniais na República. No entanto, a esquerda estava dividida quanto a seguir ou não um programa assimilacionista ou a articular uma agenda que daria espaço à pluralidade cultural. Essas divisões políticas, que se formaram em torno do que foi denominado “efeito Le Pen”, permanecem na França até hoje¹⁴.

Uma cristalização clara do debate sobre o multiculturalismo foi manifestada nas reformas propostas ao Código de Nacionalidade, introduzidas em 1986. Após anos de discussão entre especialistas, em 1993 a Assembleia Nacional aprovou uma nova lei exigindo que os filhos de imigrantes solicitassem a nacionalidade francesa ao atingir a idade de maturidade. Embora essa lei fosse posteriormente revogada, sua aprovação sinalizou uma profunda mudança nas concepções francesas de pertencimento nacional. Ao não conceder nacionalidade automaticamente a qualquer pessoa nascida na França, a reforma rompeu com pouco mais de um século de lei de nacionalidade e implicou um novo senso de dúvida sobre a capacidade da República de integrar, totalmente, novos membros, independentemente da origem, na comunidade nacional¹⁵. Em outras palavras, foi o resultado final da “etnização” da nação francesa que começou durante o processo de descolonização da Argélia¹⁶.

As perguntas sobre a pertença nacional levantadas pela imigração sugeriram um novo foco na vida intelectual francesa. Questão essa que demanda mais pesquisas. A nação estava mais uma vez na vanguarda das preocupações dos intelectuais. Régis Debray e Alain Finkelkraut explicitaram suas preocupações em manter a verdadeira essência da República diante de uma multiplicidade de dilemas nacionais como imigração, integração europeia, desindustrialização, “americanização” e globalização¹⁷. Ao enfrentar esses desafios, os intelectuais se apegaram ao fato de que a França, há muito, era vista como o berço do Estado-nação moderno. Um retorno ao republicanismo ofereceu aos intelectuais franceses, de várias ideologias, uma saída do terreno intelectual nebuloso que parecia definir a condição pós-moderna¹⁸. Essa ampla corrente intelectual alcançou as ciências sociais, convidando um grande número de sociólogos franceses a se envolver, dentre eles, é claro, Abdelmalek Sayad, embora este seja de origem argelina.

Como intelectual singular, cuja agenda envolvia uma esfera específica de poder, Sayad dirigia seus olhos às ciências sociais francesas. Sua sociologia do Estado-nação operava, tanto como uma crítica à nação republicana quanto como um incentivo aos colegas acadêmicos, para pensar além do consenso neorrepublicano que predominava na academia francesa e na vida pública. Principalmente, ele convocou outros pensadores sociais a questionar a imigração e a questão da pertença nacional de uma maneira que levasse em consideração profundidade, nuances e história. Uma sociedade e seus indivíduos devem, ele escreveu,

interrogar a lei da nacionalidade e sua história, não apenas o elo entre a evolução interna da ideia e a realidade da nação (e da nacionalidade em que ela é expressa), mas também - algo que não foi feito sistematicamente - o elo entre, primeiro, a colonização ... e depois a imigração (SAYAD, 1991, p.310).

Ele criticou outros cientistas sociais por não verem essa articulação e suas consequências para a natureza do Estado-nação francês. Além disso, ele criticou os colegas sociólogos por sua aparente incapacidade de ver o racismo e a marginalização como subprodutos inextricáveis do Estado-nação. Sua preocupação em efetuar mudanças no discurso acadêmico pode ser mais facilmente compreendida se avaliarmos as opiniões de outros sociólogos relevantes que exerceram considerável influência no debate sobre imigração, incluindo François Dubet, Jacqueline Costa-Lascoux, Dominique Schnapper e Michel Wieviorka.

Em muitos aspectos, é reduutivo insistir em uma clara divisão política e ideológica entre Sayad e os outros sociólogos mencionados acima. É verdade que Costa-Lascoux, Dubet, Sayad e Wieviorka frequentemente representavam perspectivas esquerdistas e que Schnapper compartilhava da política liberal e antimarxista de seu pai, Raymond Aron. Mas, essas categorias não ajudam, necessariamente, a nossa compreensão dos aspectos altamente fluidos, através dos quais esses pensadores sociais abordaram a imigração vis-à-vis à questão nacional. No entanto, no republicanismo como base para entender a imigração na sociedade, há uma clara divergência entre Sayad e os outros sociólogos aqui apresentados. Embora o último grupo reconhecesse e frequentemente criticasse o tratamento dado pela sociedade francesa aos imigrantes, eles pararam de questionar os méritos intrínsecos do Estado-nação ou, mais especificamente, a República. Em vez disso, o que eles viram não foi que a República estava marginalizando por desígnio (uma posição, como veremos, assumida por Sayad), mas que novos grupos de imigrantes estavam sendo marginalizados e estigmatizados por membros individuais da sociedade devido à questões socioeconômicas e sistêmicas que afetavam todos os países da sociedade

francesa. Eles localizaram as causas da estigmatização, marginalização e racismo na sociedade, não necessariamente no Estado-nação. Costa-Lascoux, por exemplo, observou que

O acúmulo de situações de frustração e conflito, sentimento de insegurança e o medo de um futuro incerto promovem o desenvolvimento do racismo. Desemprego, insuficiência de programas de assistência social, degradação de moradias em bairros que tendem a se tornar guetos, falhas na educação ou na formação profissional são geradoras de ressentimento ... Lógica discriminatória é algo que serve para oferecer uma explicação universal para toda a miséria, com a simplicidade de uma visibilidade simbólica: alguns sinais exteriores, alguns particularismos são suficientes para justificar a hostilidade, seja qualificada como “heterofobia”, “*Otherism*” ou mais frequentemente racismo. Atos de discriminação são disfarçados como atributos de uma ideologia de diferenciação negativa (COSTA-LASCOUX, 1989, p. 99).

Essa visão “de baixo para cima” do sentimento anti-imigrante na sociedade foi ecoada por Dubet, que, como Wieviorka, acreditava que muitos dos “problemas” resultantes da imigração tinham muito mais a ver com desindustrialização e fragmentação social do que supostas barreiras culturais entre a população cristã branca da República e a população muçulmana árabe¹⁹. O trabalho de Schnapper sobre o assunto não enfatizou problemas de racismo e xenofobia. Ela reconheceu aspectos problemáticos das relações entre cidadãos franceses e imigrantes ou cidadãos recém-naturalizados, principalmente os norte-africanos. No entanto, ela observou que a xenofobia da década de 1980 foi menos intensa em comparação com a xenofobia da década de 1890 e, especialmente, da década de 1930²⁰. O racismo e a xenofobia franceses, portanto, não influenciaram fortemente sua análise da imigração e da nação. Em vez disso, concentrou-se em entender a relação entre “ideias sobre a nação” e “realidades concretas” da nação²¹. Ela acreditava que tal análise introduziria novas perspectivas sobre como refazer os sistemas de integração na França pós-colonial. Assim, onde esses sociólogos podem ter diferido em perspectiva e abordagem analítica, eles compartilhavam um paradigma semelhante: as questões sistêmicas referentes à imigração e à nação poderiam ser tratadas nos limites de uma estrutura republicana. Eles acreditavam que uma República revigorada, com instituições reformadas e revitalizadas atuaria como um baluarte significativo contra o racismo e a xenofobia anti-imigrante de certos franceses. Em outras palavras, esses sociólogos podem ser colocados dentro do campo do “republicanismo transformador”, para usar o termo de Chabal, enquanto a análise de Sayad sobre o Estado-nação sugeria que as ciências sociais deveriam ir além do domínio do discurso republicano para abordar as questões levantadas pela imigração²².

Dubet e Wieviorka acreditavam que uma República reformada, com um Estado mais forte e um saudável equilíbrio de multiculturalismo e universalismo, poderia reverter os efeitos socioeconômicos negativos dos problemas econômicos da França pós-1970. Costa-Lascoux compartilhava dessa opinião no sistema republicano, mas estava, como Sayad, mais preocupado com o fato de a concepção francesa de Estado-nação ter desempenhado um papel na exclusão e maus-tratos a imigrantes²³. Ao contrário de Sayad, porém, ela não considerou que a nação republicana fosse inerentemente falha. Em vez disso, ela acreditava que a República se tornaria mais flexível e aberta a pessoas de fora se a Europa se integrasse, pois previa que uma identidade pan-europeia começaria a se desenvolver e eclipsaria, significativamente, as identidades nacionais²⁴. Schnapper, por outro lado, comemorava claramente a capacidade do modelo republicano de integrar novos cidadãos. Ela fez referência explícita ao *Le Creuset français*, do historiador Gérard Noiriel, ao discutir o papel significativo que a imigração desempenhou na formação do tecido da moderna nação francesa²⁵. A “*Marche des Beurs*” não era, para ela, meramente sintomática do dilema de imigração da França pós-colonial; foi também uma demonstração clara de norte-africanos de “segunda geração” usando políticas republicanas para fazer suas reivindicações. Como ela escreveu, as demandas de “‘particularistas’ são baseadas em princípios universais. É em nome dos direitos do homem que eles exigem a construção de mesquitas (SCHNAPPER, 1991, p.11-13)”. Schnapper afirmou que, como membro da Comissão da Nacionalidade, ela testemunhou expressões semelhantes de republicanismo ao ouvir os testemunhos individuais dos cidadãos. A “ideia de nação” permaneceu, assim, um ponto de referência comum para cidadãos de várias origens étnicas e culturais²⁶. Apesar de seu otimismo distinto, Schnapper, no entanto, insistiu que as instituições republicanas precisavam ser reformadas e revitalizadas para promover melhor o processo de integração social. É preciso reavaliar a “ideia de nação” francesa, a fim de reafirmar os valores tradicionais de participação política e social de todos os cidadãos, além de reconhecer a nova importância da “competência técnica e burocrática”, atributos que ela acreditava que todos os cidadãos deveriam possuir para facilitar o “desenvolvimento de sociedades produtivistas (SCHNAPPER, 1991, p.351)”.

Apesar de suas opiniões, muitas vezes críticas e sombrias sobre a República, as críticas de Dubet, Costa-Lascoux, Schnapper e Wieviorka nunca foram totalmente negativas. Eles ofereceram soluções e todos usavam retórica pró-republicana em seus escritos, um movimento comum em textos sociológicos, dado o clima político do período. Em nenhuma passagem emerge um sentimento pró-republicano nos escritos de Sayad. Em vez disso, Sayad procurava abordar, frequentemente, a lógica problemática contida no republicanismo. Em seu trabalho, ele criticou pontos de vista de sociólogos, como os descritos acima, por sua invisibilidade comum em relação à questão da imigração. De fato, em muitos de seus escritos, ele criticou, explicitamente, outros sociólogos, trabalhando na França, por sua incapacidade de ver a questão da imigração de maneira

holística²⁷. Ele afirmou que sociólogos como Costa-Lascoux, Dubet e Wieviorka só podiam ver a imigração do ponto de vista da sociedade de imigração, e denominou qualquer sociologia que assim o fizesse de “ao mesmo tempo parcial e etnocêntrica” (SAYAD, 2004, p. 29).

Na opinião de Sayad, a tendência dos sociólogos franceses a uma visão “parcial” da imigração significava que eles não seriam capazes de ver o vínculo entre a imigração pós-colonial e o passado colonial. Suas críticas a outros cientistas sociais na França, por sua ignorância em relação ao colonialismo, se mostraram bem fundamentadas, pois seu argumento sobre a conexão entre o colonialismo e o dilema da imigração contemporânea ocorreu em um momento em que o passado colonial estava amplamente ausente do discurso acadêmico. Costa-Lascoux, Dubet, Schnapper e Wieviorka foram todos representativos da ausência do colonialismo no discurso acadêmico contemporâneo a Sayad. Suas reticências em incluir a discussão do colonialismo em suas críticas sociais é vista pelo uso seletivo que fizeram do trabalho de Sayad em seus próprios escritos. Dubet, por exemplo, em sua discussão sobre o grau de assimilação dos imigrantes de “segunda geração”, apontou a naturalização como um teste, em boa medida, decisivo, confiável. De acordo com sua análise, os filhos de imigrantes argelinos, em particular, optaram pela nacionalidade francesa, não apenas porque isso apresenta menos desafios legais para eles do que para seus pais, mas também porque o processo de naturalização significa maior crise de identidade para imigrantes de primeira geração do que para os de segunda geração. Ele citou o argumento de Sayad sobre a traição à herança que os argelinos sentem quando obtêm a nacionalidade francesa. Curiosamente, ele exaltou o fato de Sayad atribuir essa luta pela naturalização ao legado e impacto do colonialismo no presente²⁸. Essa seria uma seção de seu texto na qual poderia ter mencionado o poder colonial se tivesse concordado com a tese de Sayad sobre a articulação entre a política neocolonial e imigração. Contudo, este foi subestimado ao longo do trabalho de Dubet. Wieviorka rejeitou completamente a noção de que o contexto pós-colonial apresentava alguma semelhança com o período colonial²⁹. “Estamos longe”, escreveu ele, “de um colonialismo que é ao mesmo tempo condescendente e ampliado por seu princípio de inferiorização dos povos colonizados” (WIEVIORKA, 1992, p. 19). Seu trabalho de ampla leitura, *La France raciste*, não considerou os estudos de Sayad - uma ocorrência rara nos estudos franceses produzidos após os anos 1980, relacionados à imigração.

Schnapper, por sua vez, viu muito o que admirar no trabalho de Sayad. Seu relato histórico de imigração na França fez referência explícita à pesquisa de Sayad sobre as “três eras” da imigração argelina. Como consequência, ela abordou a questão do colonialismo de frente. No entanto, ela tirou conclusões bastante diferentes das de Sayad sobre as ramificações precisas que o colonialismo teve na trajetória da imigração argelina. Em particular, ela deu ênfase às maneiras pelas quais a experiência colonial facilitou a assimilação dos norte-africanos:

É preciso lembrar que magrebes, entre os quais, deve-se concordar que existe uma certa “distância cultural” maior que a existente entre espanhóis ou entre italianos, têm visto, por duas ou três gerações, uma aculturação – parcial como toda aculturação é, mas real – à sociedade moderna através da colonização (SCHNAPPER, 1991, p.159).

Aqui, ela parece ter quase identificado o sistema colonial como uma força de integração positiva, mas sua análise também reconheceu as dimensões objetivamente negativas do colonialismo francês. Mesmo assim, ela sugeriu que os traumas associados ao passado colonial poderiam, a longo prazo, resultar no fortalecimento dos laços entre cidadãos franceses e argelinos que se estabeleceram na França, argumentando que “verdadeiros conflitos são conflitos familiares” (SCHNAPPER, 1991, p. 166). Não surpreendentemente, Sayad ofereceu uma perspectiva diferente sobre os vínculos entre colonialismo e imigração. Como veremos, grande parte dessa diferença tem a ver com o fato de que, para pensadores como Schnapper, o colonialismo era um conflito enraizado no passado, enquanto, para o Sayad, o colonialismo havia encontrado um novo lar na dinâmica da imigração pós-colonial.

A pesquisadora do CNRS, Costa-Lascoux foi, como Schnapper, mais receptiva ao trabalho de Sayad. No entanto, ela adotou a estratégia de subestimar o legado colonial e evitou mencionar partes da análise de Sayad, nas quais ele fazia conexões entre as políticas colonialista e neocolonialista. No que diz respeito à moradia, por exemplo, ela destacou as disparidades nas condições de vida entre os imigrantes (especialmente os argelinos) e os demais grupos da população. Ela citou as observações de Sayad sobre a habitação dos trabalhadores migrantes argelinos como uma fonte confiável de informação, mas não integrou suas análises das práticas habitacionais colonialistas em seu próprio trabalho. De fato, ao enfatizar que o “Estado, sendo o fiador da solidariedade nacional” (COSTA-LASCOUX, 1989, pp. 73-74), precisava liderar a tarefa de instituir políticas habitacionais equitativas; ela mesma, ao sugerir que o Estado tinha deveres paternalistas em relação às comunidades de cor, projetou o que Sayad definiria como uma lógica neocolonialista³⁰.

Apesar das distinções destacadas acima, havia áreas nas quais todos esses sociólogos encontravam um terreno comum. Certamente ninguém aqui tentou argumentar que a ansiedade da sociedade francesa em relação às recentes ondas de imigração (particularmente a imigração do Magrebe) era defensável. Costa-Lascoux e Wieviorka insistiram que mudanças radicais fossem feitas para que novos grupos de imigrantes se integrassem bem, enquanto Dubet e Schnapper acreditavam que Magrebes já estavam assimilados e que, com melhorias nas instituições e na economia, a integração socioeconômica seguiria naturalmente. Sayad, por sua vez, certamente queria ver uma mudança na condição dos imigrantes na França, mas seus escritos sobre o Estado-nação sugeriram que, dada a profundidade da lógica da exclusão em uma estrutura nacionalista,

implementação de reformas não poderiam resolver um problema, que era mais do que simplesmente dependente de questões socioeconômicas atuais. Assim, permaneceu uma divisão ideológica distinta entre o sociólogo argelino e os sociólogos franceses: uma crítica abrangente do neorrepblicanismo, por um lado, e, por outro, um firme compromisso com o ideal republicano, apesar dos dilemas atuais. As seções seguintes analisam os elementos específicos da oposição crítica de Sayad ao neorrepblicanismo.

3 ESTADO-NAÇÃO REPUBLICANO: UM MODELO DEFEITUOSO

A oposição de Sayad ao republicanismo francês surgiu, pela primeira vez, em sua análise crítica do que ele considerava a lógica de exclusão dos sistemas de Estados-nação. Na sua opinião, a tendência do Estado-nação de reproduzir a exclusão destaca a disfuncionalidade inerente aos Estados-nação, em geral, e o modelo republicano em particular. Por meio de suas análises socioeconômicas, ele tentou provar como o Estado-nação fabrica um “outro” em busca da ordem nacional e da solidariedade social³¹. A marginalização e a alteridade, ele argumentou, são produtos e não efeitos colaterais infelizes de estruturas nacionalistas. Uma análise do discurso jurídico, político e social revelou a Sayad que o Estado-nação precisa de seu oposto diametral e, finalmente, o descobre na figura do imigrante como o “outro”. Se Edward Saïd sustentou que os súditos imperiais (particularmente os árabes) existiam como um “outro” na imaginação imperial europeia, então os imigrantes de Sayad tornaram visível essa oposição binária entre europeus e não europeus³². Ele argumentou que o Estado-nação produz o outro como imigrantes, a fim de consagrar sua legitimidade. Ou seja, como os Estados-nação solidificam sua razão de conferir direitos a seus nacionais, esses mesmos direitos devem, necessariamente, ser negados a não-nacionais, ao outro. Não pode haver uma “ordem nacional” sem uma hierarquia clara entre os cidadãos (que se beneficiam com a inclusão política) e os imigrantes (que enfrentam exclusão política). Em seu artigo de 1984, “État, nation et immigration”, Sayad estabeleceu uma conexão entre seus argumentos a respeito da posição do imigrante no Estado-nação com as análises de Hannah Arendt sobre judeus alemães. Para ser um imigrante, ele escreveu,

... é, durante toda a vida, ser negado de participar do mais fundamental dos direitos, o direito dos nacionais, o direito a ter direitos, o direito a pertencer a um órgão político, a ter um lugar nele, uma residência, uma verdadeira legitimidade. Ou seja, o direito, em última análise, de ser capaz de dar um significado e uma razão às ações, pensamentos e existência de alguém; o imigrante não está em posição de se apropriar de seu passado e futuro, de ter poder sobre sua própria história (SAYAD, 1984, p. 296).

Em “As origens do totalitarismo”, Arendt (1951) mostrou que a perda de direitos políticos pelos judeus era um precursor necessário para sua total desumanização e, finalmente, para sua aniquilação³³. Embora Sayad não tenha traçado um paralelo exato entre judeus alemães durante o Holocausto e imigrantes pós-coloniais na França, a passagem acima ilustra os efeitos da lógica excludente do Estado-nação: a negação de direitos políticos aos imigrantes pode levar a inúmeras formas de exclusão. A alusão a Arendt foi, portanto, feita para enfatizar que o ato de exclusão política traz consequências de longo alcance para os grupos subalternos afetados. Ao enquadrar sua análise dessa maneira, Sayad questionou sobre até que ponto o modelo republicano poderia realmente defender sua promessa de direitos humanos universais.

Além de sublinhar as falhas morais da República, o tratamento de Sayad da distinção criada entre “nacionais” e “não nacionais” levou-o a revelar a disfuncionalidade do modelo republicano. Assim como sua sociologia da imigração implicava descompactar os muitos paradoxos incorporados no sistema de migração, sua sociologia do Estado-nação também expunha a natureza paradoxal dessa construção política³⁴. Pois mesmo que o Estado-nação tenha uma tendência natural à criação de divisões binárias, e isso possa parecer essencial para sua sobrevivência, essa estratégia de diferenciação realmente acaba sendo autodestrutiva. Na opinião de Sayad, o hábito instintivo do Estado-nação de atrair imigrantes não garante permanentemente a ordem nacional. De fato, a própria presença de pessoas sem direitos dentro da nação abre questões incômodas sobre a real estabilidade da comunidade nacional. Segundo Sayad, o processo de romper a ordem nacional começa quando os imigrantes se tornam assertivos quanto à resistência à exclusão. Ele apontou o protesto público dos imigrantes contra a ação do governo de expulsar imigrantes, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, como um excelente exemplo do que a comunidade nacional consideraria “comportamento herético” (SAYAD, 1999, pp. 36-39). Quando os imigrantes começam a se envolver em comportamento “herético”, afirmando seu direito a ter direitos, recusando-se a ser provisórios, colocando “outros modos possíveis de relação”, a ordem nacional é colocada em uma situação de crise. Como “herege”, o comportamento dos imigrantes “contradiz e prejudica a consciência comum (common consciousness)” que foi estabelecida por membros da sociedade dominante³⁵. Sayad utilizou, de forma significativa, a noção durkheimiana de uma “consciência comum”. Ele pegou o que Emile Durkheim acreditava ser uma função positiva da integração social e sugeriu que a consciência comum da nação opera como um veículo poderoso para excluir aqueles que não pertencem automaticamente à nação³⁶. Sua análise, portanto, indicou que, embora o sistema de Estados-nação pareça funcionar sem problemas, a máquina quebra quando suas contradições internas são reveladas. A República não pode incluir e excluir simultaneamente, e é por essa razão que Sayad impôs

severos limites ao poder da República de promover a solidariedade social. Ao apresentar tal argumento, Sayad desafiou uma tradição sociológica francesa, em curso já há um século e que defendia o conceito republicano de nação, iniciada, principalmente, com as análises de Durkheim sobre solidariedade social³⁷.

Nos escritos subsequentes, produzidos no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, Sayad voltou à questão do Estado-nação, analisando, em particular, discursos sobre nacionalidade e naturalização. Ele argumentou que o processo de naturalização, ao possibilitar que imigrantes se candidatem à cidadania, necessariamente, destaca a tentativa bastante natural de converter um estrangeiro permanente em um membro de boa-fé do país. Do ponto de vista jurídico, a naturalização é uma “verdadeira operação da magia sociopolítica ... transformando em naturais” aqueles que são “não naturais” devido às suas origens estrangeiras³⁸. Assim, em sua opinião, a política do multiculturalismo representava um debate contencioso sobre como chegar a um acordo com aqueles que, tendo sido figurativamente colocados fora do Estado-nação por algum tempo, agora estão exigindo direitos como cidadãos naturalizados.

O foco de Sayad na naturalização coincidiu com o período em que o destino da “segunda geração” se tornou um ponto-chave da disputa política. Como observado acima, foi no final dos anos 1980 que os políticos de direita e de esquerda começaram a expor a ideia de que não seria mais prudente conceder, automaticamente, a cidadania aos imigrantes de “segunda geração” ao alcançarem a maturidade. Tal movimento poderia, segundo os argumentos, dar aos imigrantes de “segunda geração” o direito de escolher sua nacionalidade (uma justificativa supostamente humanitária oferecida pela esquerda), ou poderia ser um meio conveniente de repatriar famílias inteiras de imigrantes, caso não conseguissem se integrar completamente (uma preocupação principalmente à direita)³⁹. Na opinião de Sayad, essas reformas propostas ao Código de Nacionalidade representavam uma tentativa de regular o processo “extraordinário” de reconciliar a existência de um grande número de membros “não naturais” da nação. “De fato”, escreveu Sayad,

as demandas da ordem política garantem que existam apenas dois modos de existência política dentro da nação. Um é o modo “natural” que é autoevidente e específico aos “naturais” ou nacionais da nação e, em casos muito extremos, o modo do cidadão “naturalizado”. O outro é um modo extraordinário que escapa à “ortodoxia” nacional e que, por si só, é basicamente ilegítimo e, portanto, requer um processo intenso e contínuo de legitimação (SAYAD, 1993, p. 31).

Aqui Sayad revelou a natureza paradoxal e, portanto, disfuncional do Estado-nação: para que a comunidade nacional se unisse, era necessário marcar os imigrantes como pessoas de fora - aqueles que são membros “não naturais”

da comunidade. O Estado-nação não pode, então, cometer uma reviravolta e converter aqueles marcados como “não naturais” em cidadãos “naturalizados”, pois isso contradiz a lógica interna da ordem nacional. A abertura da discussão sobre como integrar os imigrantes realmente exacerba o problema, pois introduz um novo conjunto de dilemas sociopolíticos. Como ele escreveu,

longe de resolver o paradoxo da imigração, como seria de esperar, e longe de garantir ou completar a plena integração dos imigrantes na sociedade francesa e na nação francesa, a naturalização ... tende, ao contrário de toda expectativa, a perpetuar os problemas da imigração. A naturalização “exacerba” os “problemas da imigração” porque os “converte” em não apenas “problemas dos imigrantes” (que, segundo o texto, podem ser ignorados), mas em “problemas de identidade com a nação ou problemas nacionais relativos a grupos” de nacionais (SAYAD, 2004, p.225).

Dentro de uma estrutura nacional, o que é tecnicamente um processo jurídico simples rapidamente se transforma em uma controvérsia que força o envolvimento de todos os aspectos do governo e de toda a cidadania. A análise da naturalização de Sayad parece ter explicado como o processo de imigração estabelece um caminho para conflitos sobre a identidade nacional. Isto é, sua análise explica como a hostilidade em relação aos imigrantes poderia emergir em uma sociedade elogiada por observadores externos por sua suposta falta de conflitos raciais ou étnicos.

Sayad foi capaz de mostrar como a intensificação do racismo e da xenofobia nas décadas de 1970 e 1980 foi um resultado inevitável das tensões envolvidas na naturalização de imigrantes. De fato, durante todo o processo de naturalização, os imigrantes são lembrados de que ainda não fizeram o suficiente para se integrar. A ordem nacional, escreveu Sayad, “não pode deixar de ... acusar seu ser por sua incompletude. Este ser [tem] que aprender a ser francês (SAYAD, 2004, p. 263)” através de mecanismos do Estado - particularmente a educação. Sayad problematizou as virtudes assimilacionistas do ensino médio, frequentemente consideradas as maiores forças integradoras da República, sugerindo que, por mais que muitas pessoas sejam transformadas em cidadãos, há também o efeito de marcar outras pessoas como sendo de fora devido às dificuldades envolvidas para integrá-las. Sayad também observou que imigrantes que estão se naturalizando não apenas são constantemente lembrados de sua “incompletude”, mas também são vistos com profunda suspeita e se tornam alvos fáceis de estereótipos e escárnio. Do ponto de vista dos membros anti-imigrantes da sociedade dominante, os cidadãos naturalizados, que transgrediram a sagrada fronteira entre nacional e não nacional, devem ter adotado o “francês” por razões duplicadas. Como os cidadãos estrangeiros não pertencem naturalmente à ordem nacional, eles devem ter escolhido

ser franceses por um motivo oculto. Suspeita-se de enganar o sistema e não cumprir suas obrigações (pagar impostos, cumprir seu serviço militar) enquanto colhe todos os benefícios da naturalização. Enquanto isso, acredita-se que sua verdadeira lealdade esteja com seu país de origem⁴⁰. O racismo anti-imigrante é, portanto, capaz de persistir mesmo quando os imigrantes se tornam membros de pleno direito da comunidade nacional. De fato, a “conversão” de imigrantes em cidadãos “limita em si a maior probabilidade de um racismo que a alteridade nacional não pode mais justificar, mesmo aos olhos de suas vítimas” (SAYAD, 2004, p. 247). Isto é, antes, quando ambas as partes (nacionais e não nacionais) adotaram a ideia de imigração como provisória, os franceses optaram por não priorizar o enfrentamento do racismo anti-imigrante; e os imigrantes, por sua vez, toleravam tacitamente a intolerância, entendendo que sua permanência na França era puramente temporária. Mas, no período contemporâneo de Sayad, uma das partes continuava a manter, não resolvidas, crescentes questões de racismo no momento exato em que a outra parte não estava mais disposta a tolerar esse comportamento.

Identificando o Estado-nação como o principal motor da problemática da imigração, Sayad não se limitou, simplesmente, a culpar o modelo republicano pelo sentimento anti-imigrante que toma conta da França. Sua sociologia crítica do Estado-nação certamente apontou para os mecanismos incorporados por este como fonte de todas as formas de exclusão (racismo, xenofobia, “a produção do ‘outro’”, discriminação etc.) causadas aos imigrantes, e ainda apontou para as contradições inerentes a esse Estado. O Estado-nação não poderia ser, ao mesmo tempo, um produtor e um eliminador de exclusão, mas é exatamente isso que tentou fazer através do processo de naturalização. É, em parte, com base nesse raciocínio que seria impossível para Sayad conformar-se ao consenso neorrepublicano com o qual muitos sociólogos franceses se alinharam. Para Sayad, a República não era moral e tecnicamente adequada à tarefa de resolver o problema da imigração.

4 “COLONIZAÇÃO DE ONTEM E A IMIGRAÇÃO DE HOJE”

A disposição do Estado-nação de excluir aqueles rotulados como “membros não naturais” da comunidade nacional, junto com os paradoxos inerentes a essa lógica excludente, era apenas um elemento da visão crítica de Sayad sobre a abordagem neorrepublicana da imigração. Outro elemento crucial de sua crítica ao Estado-nação girava em torno da compreensão das relações de dominação ou, mais precisamente, do poder colonial. Sayad procurou provar que “a colonização de ontem e a imigração de hoje” moldaram, fundamentalmente, a relação entre imigrante e Estado-nação (SAYAD, 1993, p. 31). Ele acreditava que, através da imigração, a França continuava a dominar os indivíduos das antigas colônias e do sul global de maneira mais ampla. A descolonização não havia divorciado completamente a República de seu passado colonial.

Tal visão - de que instituições, práticas oficiais e até hábitos socioculturais desenvolvidos nas colônias se enredavam nos fundamentos da própria República - é agora uma visão inteiramente convencional na historiografia francesa. Por exemplo, foi demonstrado que, após a descolonização, muitos ex-burocratas coloniais obtiveram posições administrativas no governo francês⁴¹. No que diz respeito à questão das moradias de imigrantes, em particular, isso geralmente resultava na reprodução de práticas de controle habitacional vigentes no período colonial. Essas políticas visavam gerenciar a população por métodos que seriam considerados inaceitáveis se aplicados a cidadãos “nascidos naturais”, como vigilância e regras rígidas de conduta para os inquilinos⁴². As práticas policiais também foram importadas das colônias. A forma como o Estado lida com os tumultos nos *banlieues* [subúrbios] (um tema frequente nos anos 1980 e especialmente nos 1990) tinha semelhança com métodos de policiamento pesado para os quais os assuntos coloniais eram um alvo⁴³.

Hoje, existe um consenso generalizado entre a comunidade acadêmica de que o vínculo inextricável entre império e metrópole deixou uma marca indelével nas instituições e na cultura da República. Entretanto, durante o período em que Sayad era intelectualmente ativo, a relação entre a história colonial e o dilema pós-colonial sobre imigração e o Estado-nação não era tão óbvia, nem seria um paradigma intelectual que a maioria dos estudiosos da academia francesa aceitasse na época⁴⁴. A análise socioeconômica de Sayad sobre as conexões entre história colonial, imigração e nacionalidade foi, portanto, uma tentativa de tornar esse caso convincente.

A publicação da segunda edição de *L’immigration algérienne en France*, de sua coautoria, em 1984, é um produto tangível de sua agenda anticolonial ao longo da vida. Em meio a um debate contencioso sobre imigração, ele despertou novamente os fantasmas do passado colonial e revelou o vínculo inextricável entre o poder colonial e a história da imigração argelina na França. Foi um movimento vigoroso em um momento em que a sociedade francesa raramente discutia a história colonial⁴⁵. O livro tinha um amplo escopo. Ao prosseguir nos estágios da imigração argelina na França, passou por registros estaduais, códigos legais, decretos governamentais, relatos jornalísticos, literatura e testemunhos de migrantes individuais. Como resultado, o estudo foi ao mesmo tempo político, sociológico, antropológico e etnográfico. Essa monografia é relevante aqui por causa do que nos diz sobre o entendimento de Sayad acerca do modo como o império republicano moldou a migração e como a dinâmica entre o império e a migração mais tarde afetou questões sobre o relacionamento dos imigrantes com a comunidade nacional.

A monografia traçou a história da migração argelina desde suas primeiras raízes coloniais até a era contemporânea. O primeiro capítulo, que abordou como as políticas coloniais projetaram um sistema de migração, é um reflexo do que Sayad descobriu ao estudar o campesinato argelino com Pierre Bourdieu. De fato, a maneira pela qual Sayad descreve os interesses coloniais em conflito com

o “espírito camponês”, pré-capitalista, ecoou o que Bourdieu e Sayad escreveram no *Le Déracinement*, publicado em 1964⁴⁶. Ele definiu a emigração argelina como o produto de “duas forças” - a “força atrativa” da França metropolitana e a “força repulsiva” gerada por condições coloniais deletérias⁴⁷. Como ele anotou em outro trabalho: “A imigração argelina foi, desde o início, projetada. Mas antes que pudesse ser projetada, os argelinos já deveriam estar disponíveis para a emigração” (GILLETTE; SAYAD, 1984, pp. 18-19). Em apoio aos colonos europeus, as autoridades coloniais solicitaram terras aos camponeses argelinos e distribuíram as terras aos europeus. Ao mesmo tempo, os colonos europeus introduziram um sistema capitalista moderno na Argélia, um sistema incompatível com o sistema de produção pré-capitalista dos argelinos muçulmanos. Incapazes de se adaptar rapidamente a essas mudanças econômicas, os camponeses sem terra e empobrecidos se voltaram para a migração como principal meio de obter renda⁴⁸. Sayad argumentou que, ao criar as estruturas que permitiriam o desenvolvimento da migração, tornando os argelinos dependentes de oportunidades na indústria francesa para sua subsistência, o sistema colonial fortaleceu as relações desiguais de poder entre colonizadores e colonizados. Ondas mais recentes de imigração argelina revelaram o domínio duradouro da França sobre a Argélia, mesmo na era pós-colonial:

O período entre 1962 - 1981 ilustra a relação de dominação que está no coração de todos os fenômenos migratórios atuais: entre, por um lado, o país de imigração, o país dominante e, por outro, o país de emigração, o país dominado (GILLETTE; SAYAD, 1984, p. 102).

Sayad concluiu seu trabalho com uma nota sobre o que a sua narrativa sobre imigração argelina elucidada em relação aos debates sobre imigração que ocorreram na França naquele momento. Na sua opinião, a sociedade francesa continuava discutindo a imigração com relativa ignorância das circunstâncias que a provocaram. Ele insistia que era preciso aceitar o fato de que o sistema colonial - atores metropolitanos e estaduais coloniais, empregadores metropolitanos e coloniais - construiu ou “projetou” o deslocamento dos argelinos para a metrópole. Dados os efeitos deletérios que o colonialismo teve no desenvolvimento econômico e nacional da Argélia, os migrantes argelinos se tornaram tão “apátridas” quanto os refugiados discutidos nas Origens do totalitarismo de Arendt. Eles não puderam retornar à sua terra natal, embora os líderes políticos da França e da Argélia insistissem que deviam, e não puderam ser totalmente integrados à República devido à lógica de exclusão do Estado-nação. O discurso na França precisava ir além do “mito do retorno”. Como ele disse, “o surgimento de novas gerações e os efeitos da crise econômica demonstram claramente que o tema de um retorno massivo está doravante no campo do mito e que a coragem política exigiria o fim desse discurso ambíguo” (GILLETTE; SAYAD, 1984, p. 256).

Para Sayad, os métodos republicanos tradicionalmente empregados na integração de imigrantes não limpam a lousa de todos os abusos do passado engendrados pelo colonialismo. O sistema republicano não poderia ser o ímpeto por trás do dilema da imigração e a chave para resolver a crise. Nos escritos subsequentes, Sayad analisou mais de perto a relação entre imigrantes e nacionalidade, mostrando que o processo pós-colonial de naturalização não emancipou migrantes anteriormente colonizados, mas foi o resultado final do processo de dominação dos dominados. A relação entre franceses e argelinos foi, segundo Sayad, um excelente exemplo da colonização interna de imigrantes pelo Estado-nação. Voltando à questão da naturalização, Sayad argumentou que, além de transformar o “não natural” em um “natural”, a naturalização operava como demonstração de força, uma forma de coerção branda por parte do Estado-nação. “Naturalização é”, escreveu ele, “um ato de anexação ou de anexado, por um lado, e de se deixar anexar, por outro - e poucos desses atos são tão abrangentes ou tão totais” (SAYAD, 2004, p.228). O uso do termo “anexação” sugere que o imigrante, de maneira menos evidente, foi colonizado pelo Estado. Depois que o imigrante é colonizado ou “anexado”, conclui-se que o Estado-nação deve legitimar seu domínio sobre o ex-imigrante que se tornou cidadão. Segundo Sayad, o Estado-nação executa essa estratégia, em parte, através do discurso legal. Como ele disse, “todo o vocabulário de honra (dignidade, privilégio, mérito, obrigação etc.) reaparece constantemente em tudo o que é dito sobre nacionalidade e naturalização, e esse é um vocabulário ético, e não político” (SAYAD, 2004, p.228). Isso significa que, durante todo o processo de naturalização, o Estado-nação mostra um chauvinismo manifesto, pois o sistema jurídico confere ao ex-imigrante e a seus filhos a “qualidade” e a “dignidade” de serem franceses, uma alta “honra” que ambas as partes devem reconhecer. Sayad fez questão de destacar a natureza distintamente “ética” desse discurso, porque era vital para o seu argumento que os leitores entendessem as maneiras pelas quais os remanescentes de uma era supostamente passada - a era do colonialismo e a “missão civilizadora” - infiltraram-se em aparelhos de Estado pós-colonial. Em um sistema de dominação que ele chamou de “violência suave” (emprestando o termo de Bourdieu), as negociações da França com estrangeiros representavam “todas as imbricações que unem a colonização de ontem e a imigração de hoje, sendo uma continuação da outra” (SAYAD, 2004, p.230)⁴⁹.

Além de focar na linguagem mobilizada nos discursos sobre naturalização, Sayad também analisou o processo de transformar imigrantes em franceses - “integração” - que ele acreditava ser uma manifestação de como os tentáculos da história colonial se aprofundavam não apenas nas instituições pós-coloniais, mas na sociedade francesa pós-colonial como um todo. Ele observou que o uso generalizado do termo “integração” em vez de “assimilação” significava uma estratégia discursiva destinada a criar distância entre o passado colonial e o presente pós-colonial. No entanto, por mais que “assimilação” tenha sido ridicularizada por suas pretensões colonialistas, o ato de assimilação cultural

é, no entanto, “comemorado hoje no estado atual e por causa de seus efeitos contemporâneos (a assimilação de imigrantes), e continua a ser elogiado como primariamente, ou mesmo especificamente, virtude francesa” (SAYAD, 2004, p.219). Era paradoxal, em sua opinião, que os observadores da imigração pós-colonial não conseguissem problematizar a noção de que alguém pode e deve desejar se tornar francês - que a concepção de democracia e direitos humanos da República é universal e que, portanto, todos deveriam querer participar dela; que isso poderia ter semelhança com o tipo de chauvinismo republicano que forneceu ao Império uma causa de domínio conveniente⁵⁰. Em sua análise da política de integração, ele também enfatizou que, assim como seria errado pensar que o Estado é a única entidade envolvida na naturalização e integração de novos cidadãos, é igualmente falacioso pensar que o poder colonial, por mais manifesto que seja, é meramente uma questão do Estado. Pelo contrário, a totalidade da sociedade dominante - a comunidade nacional - desempenha um papel ativo na afirmação de poder de natureza colonial sobre os imigrantes. Assim como vários órgãos institucionais do Estado exercem o poder por meio de formas de “violência suave”, o mesmo acontece com os cidadãos.

Segundo Sayad, esse ato de “violência suave” foi decretado principalmente pela cultura. Durante algum tempo, ele pensou sobre a ideia de que a cultura era a principal arma da demonstração de força da sociedade dominante sobre os imigrantes, muitos dos quais anteriormente eram súditos coloniais. Já em 1979, Sayad produziu um artigo sobre a elaboração de formas discretas de poder escondidas sob a superfície de trocas culturais entre imigrantes e a sociedade dominante. Ele argumentou que, como forma de “violência simbólica”, a cultura justifica a reivindicação da sociedade dominante de superioridade sobre os dominados. A sociedade dominante, civilizada e avançada, pede que o “outro” se civilize sob os termos definidos pelo grupo dominante. Uma vez civilizados (no contexto pós-colonial, isso ocorre quando o imigrante é naturalizado), a sociedade dominante pode discutir maneiras pelas quais os franceses podem se beneficiar ao aprender sobre as heranças culturais dos imigrantes que eles integraram com sucesso em sua sociedade⁵¹.

No início dos anos 1980, quando a “segunda geração” [de imigrantes] se tornou mais ativa na esfera cultural, Sayad deve ter achado adequado revisar argumentos anteriores que ele fez sobre o relacionamento da cultura com o poder colonial. Falando em uma conferência em 1984, na qual um grupo de especialistas de toda a França se reuniu para discutir a questão do pluralismo cultural, ele criticou vigorosamente a sociedade francesa pelo que percebia ser um etnocentrismo pouco velado:

Enriquecei-vos das vossas diferenças mútuas”, afirma um poeta, mas apenas sob a condição de ignorar que, por um lado, tudo é rico e tudo se torna rico quando nós [europeus] colocamos as mãos sobre ele e, por outro lado, que só podemos alimentar a riqueza dos outros!

Isso é etnocentrismo quando você realmente olha para ele! ... Tendo sido suficientemente seguros de si e de sua cultura (que é a única cultura “legítima”, mesmo quando eles concordam em falar da boca para fora do relativismo cultural), só então é a ocasião apropriada para ser tolerante, acolhedor, benevolente, liberal, em outras palavras condescendentes - “vá ao povo”, vá à cultura “popular”, vá à cultura dos imigrantes ou ... às culturas que vieram da imigração, etc.; aquela que é apenas uma forma disfarçada, eufemizada e moralizada e, sobretudo, intelectualizada, portanto cultivada, do racismo - e, em uma palavra, “relativista” (ou seja, na aparência, o oposto total do etnocentrismo) (SAYAD, 1984, p.18).

A referência feita no início, “enriquecei-vos” (“enriquecer-se de suas diferenças!”), vem de uma famosa declaração feita pelo poeta francês Paul Valéry em referência à situação colonial na Argélia. Jeanne Scelles, uma ativista cristã que buscou uma aproximação franco-muçulmana durante a Guerra da Argélia, posteriormente se apropriou dessa citação para admoestar colegas franceses a “enriquecerem” do contato com argelinos muçulmanos⁵². Sayad, no entanto, argumentou que esse contato só poderia ser mantido enquanto os franceses fossem a força dominante e os argelinos os dominados. Ao fazer essa referência, Sayad traçou um paralelo entre as relações de poder envolvidas na cultura e no império e o período contemporâneo, argumentando que a mesma forma de dominação cultural era vista na França, dirigida a imigrantes das antigas colônias - especialmente argelinos.

A crítica de Sayad ao Estado-nação consistia em dois elementos principais. O primeiro dizia respeito aos mecanismos de exclusão que são incorporados aos sistemas de Estado-nação com o objetivo de delinear facilmente entre “nacional” e “não nacional”. Essa distinção entre cidadão e “estrangeiro” é fundamental para a “ordem nacional”. Portanto, qualquer tentativa (por naturalização e integração, por exemplo) de desfocar as linhas entre quem naturalmente pertence ao corpo político da nação e quem não joga o sistema em desordem. Para Sayad, era por isso que a República era moral e tecnicamente incapaz de assumir a tarefa de resolver os “problemas” trazidos pela imigração. Apesar de suas reivindicações declaradas de universalismo e tolerância, a República apresentava todos os defeitos inerentes a qualquer Estado-nação. Além disso, a República Francesa foi um caso singularmente problemático na história dos Estados-nação modernos por causa de seu passado colonial. O segundo elemento da sociologia crítica de Sayad sobre o Estado-nação, portanto, se encaixou em sua preocupação ao longo da vida com os efeitos do colonialismo e, mais tarde, da imigração, nos povos subjugados. Ele afirmou que a história do colonialismo francês na Argélia sublinhou as relações de dominação vinculadas a todos os sistemas de migração. Através da migração, a nação da imigração é capaz de

exercer poder sobre a nação da emigração e seu povo. No contexto francês, isso significava que os imigrantes pós-coloniais, especialmente os argelinos, eram submetidos ao domínio francês. Sayad chamou atenção particular para os processos de naturalização e integração, a fim de revelar que a República não podia virar completamente a página de sua história colonial.

5 ATIVISMO IMIGRANTE COMO RESISTÊNCIA ANTICOLONIAL

Segundo Sayad, imigrantes pós-coloniais entendiam perfeitamente que os conflitos entre franceses e norte-africanos, durante a era colonial, tinham ramificações para a situação contemporânea na metrópole. No contexto pós-colonial, esses conflitos sobre identidade, pertença nacional e autonomia para grupos subalternos chegaram ao auge no movimento Beur, que envolveu a chamada “segunda geração” cujos pais haviam emigrado do Magrebe. Entre os acadêmicos franceses, a resposta típica à luta por reconhecimento de Beur foi considerar as demandas da “segunda geração” dentro do contexto da cultura política da Quinta República. Em outras palavras, os pensadores sociais franceses desejavam ver seu comportamento através do prisma do neorrepublicanismo. Sayad resistiu vigorosamente a essa estrutura analítica e, em vez do paradigma neorrepublicano de seus colegas, analisou o comportamento da “segunda geração” dentro de uma estrutura anticolonialista. Assim, reformulou toda a luta de Beur como uma nova fase da luta anticolonial de longa data dos norte-africanos.

Ele queria que os leitores adquirissem um senso do comportamento imigrante, não em termos de malevolência inerente. Antes, procurou mostrar como era possível ver os imigrantes e seus descendentes como atores colocados em uma condição de liminaridade perpétua, respondendo a configurações neocoloniais de poder, às quais ele se referiu, sucintamente, como “dupla alienação” e “dupla dominação”⁵³. Ou seja, os imigrantes são transformados em “franceses na realidade e também na lei”, mas são transformados em franceses “não como os outros” porque ainda carregam os apelidos de “argelinos”, “árabes”, “Beur” ou “segunda geração”. “A sociedade argelina, enquanto isso, vê os emigrantes como remanescentes argelinos, além de não serem “como os outros: como também são parcialmente franceses, ou seja, foram ‘alterados’” (GILLETTE; SAYAD, 1984, p.218-9). Ao chegarem a um acordo com a convivência com o Estado-nação, Sayad explicou que os imigrantes devem negociar essa “dupla ausência” ou “alienação”, o impulso da França e a atração da Argélia.

A relação dos imigrantes com a França e a Argélia também é prejudicada por causa das relações de dominação existentes: o governo francês e até membros comuns da sociedade dominante tentam exercer influência sobre os imigrantes através de várias manifestações do chauvinismo nacional expressas no discurso jurídico, mídia nacional ou discurso cotidiano, por um lado, por outro, o governo

argelino continua a dominar os “seus” emigrantes sob os auspícios de que está ajudando as “vítimas” de novas formas de dominação colonial⁵⁴. Além disso, a necessidade de se constituir em uma comunidade nacional, construída sobre a lógica da exclusão, cria entre os imigrantes uma profunda crise de identidade. Se eles não podem pertencer totalmente à comunidade dominante, devem construir do zero uma estrutura igualmente poderosa de pertencimento, com seu próprio vínculo social, seu próprio senso comum⁵⁵.

De acordo com Sayad, as comunidades imigrantes adotaram identidades alternativas como uma maneira de resistir às reivindicações da sociedade dominante e sua hegemonia sociocultural. A linguagem empregada em suas análises sobre as respostas dos imigrantes ao tratamento lhes dado pela sociedade francesa revela que a principal preocupação de Sayad com relação à questão da pertença nacional estava mostrando como a política de identidade dos imigrantes estava, fundamentalmente, preocupada em resistir à dominação, uma luta “simbólica” que era antissocial, colonial por natureza. Neste ponto, Sayad delineou vários campos de resistência: cultural ou identitária, legal (em sua resistência à naturalização), política (em seu ativismo) e às vezes violenta (em protestos contra a brutalidade policial).

Sayad identificou duas grandes construções de identidade que surgiram da busca de um sentimento alternativo de pertencimento. Uma alternativa, que criou uma ansiedade severa na França nos anos 1980 foi, é claro, o Islã⁵⁶. Sayad argumentou que, ao unir-se a uma religião, indivíduos da comunidade imigrante muçulmana, cuja cultura havia sido colonizada pelos franceses, acreditam que podem começar a reverter os efeitos das formas de dominação passadas e presentes⁵⁷. Visto sob essa luz, o Islã operava como uma “força de resistência para preservar uma identidade ameaçada ... uma ‘nacionalidade’ substituída ou compensada” (GILLETTE; SAYAD, 1984, p.199). Outro construto de identidade importante era o “Beur”. Os membros da “segunda geração” não apenas abraçam essa identidade, transformando a experiência da alteridade em algo que vale a pena comemorar, mas também afirmam sua identidade com o objetivo de ganhar legitimidade na sociedade. De fato, sua construção de identidade opera como uma rebelião contra a sociedade dominante⁵⁸. Dado o estreito envolvimento de Sayad com as atividades culturais e intelectuais da comunidade de imigrantes argelinos, podemos supor que ele viu a busca da “segunda geração” por identidades únicas como estratégias positivas para resistir à hegemonia da sociedade dominante⁵⁹.

A luta dos imigrantes argelinos contra a dominação foi, segundo Sayad, também manifestada de maneira legal. Ele argumentou que os argelinos resistem em aceitar a nacionalidade francesa não porque tenham uma disposição inerente a desviar-se, mas porque veem a naturalização dentro de uma luta de longo prazo contra o colonialismo francês. A realidade do domínio francês sobre a Argélia garante que a naturalização seria um processo agonizante para os imigrantes argelinos⁶⁰. Então, Gillette e Sayad observaram,

Como eles [argelinos] investiram a nacionalidade com um significado e um simbolismo (que podem ser sociais, culturais, religiosos, míticos e, portanto, políticos ou até raciais) que se estendem muito além da dimensão meramente jurídica, eles não podem considerar a naturalização - ou seja, uma mudança de nacionalidade - como um mero processo administrativo (GILLETTE; SAYAD, 1984, p. 245).

Vê-la como um “mero processo administrativo”, “chegaria mais tarde, em outro contexto e com outra geração de imigrantes e filhos de imigrantes” (SAYAD, 1993, p. 29).

Sayad observou, também, que era naquele contexto de conflitos sobre a nacionalidade que a resistência política não violenta e violenta deveria ser entendida. A chamada “*Marche des Beurs*” era de fato uma manifestação contra o racismo francês, mas ele argumentou que, mais fundamentalmente, esse ativismo político precisava ser entendido como resistência contra novas formas de dominação, produtos da história colonial⁶¹. Os Beurs se posicionaram na esfera política entendendo que eles eram os “produtos e vítimas” de uma “dupla história”, um passado mutilado no qual seus antepassados tinham a nacionalidade francesa imposta a eles e, simultaneamente, uma “negada e proibida” nacionalidade - nacionalidade argelina⁶². Sayad argumentou que, assim como na era colonial, é preciso antecipar que a resistência da “segunda geração” contra o domínio francês, às vezes, também se torna violenta. Mais concretamente, os Beurs relegados aos subúrbios da cidade percebem a agressão policial como uma tentativa de afirmar o controle sobre o território ao qual os moradores marginalizados reivindicaram. A “segunda geração” exige um certo grau de autonomia sobre os espaços que eles controlam e, se necessário, recorrerão à violência para garantir sua autonomia:

Graças a uma espécie de vingança irônica por parte da história, são aqueles que foram e ainda são a primeira e a última vítima das ideologias nacionalistas de “sangue e solo” que agora estão sendo forçados, a fim de realizar sua identidade, a criar do zero seu “solo”, seu “sangue”, sua “língua”, sua “etnia” ... sua “cultura” ou todos os critérios “objetivos” que podem servir como “provas” de sua identidade e razões por reivindicar essa identidade. O paradoxo, finalmente, se completa quando terminamos com uma espécie de “nacionalismo sem nação” ou “patriotismo sem pátria” ou “territorialidade sem território”. Isso pode levar à demanda por um território e à realocação dentro do que ainda é um território impossível (SAYAD, 2004, p.258).

Ao descrever primeiro a estigmatização que os imigrantes, de primeira e “segunda geração”, experimentam e, em seguida, explicar as respostas dos imigrantes a essa estigmatização, Sayad estava, finalmente, buscando lançar a problemática da imigração e os conflitos sobre o multiculturalismo dentro de uma narrativa de longo prazo: primeiro, colonialismo e, mais tarde, neocolonialismo (ou o domínio do subalterno através de um sistema de imigração cuidadosamente projetado). Para Sayad, criticar a ordem nacional para a reprodução do sistema colonial também serviu como uma maneira de alcançar uma maior compreensão dos problemas que a comunidade de imigrantes argelinos enfrenta. Em sua opinião, os imigrantes argelinos lutavam com forças de dominação, bem como com uma experiência de vida terrivelmente paradoxal. Os imigrantes de “segunda geração” são especialmente conscientes dessa contradição porque são franceses por lei e ainda enfrentam discriminação e exclusão devido às origens de seus pais. Ele insistiu que, à luz dessas circunstâncias, antagonizar comunidades imigrantes parece inerentemente injustificado. Ao escrever durante o debate sobre a reforma do Código da Nacionalidade, perguntou como alguém poderia “criticar toda essa classe de cidadãos ‘naturalizados no nascimento’ e ‘aproximadamente franceses’ por sua falta de entusiasmo, por não demonstrar grande ânimo em possuir a nacionalidade francesa? E, acima de tudo, como podemos criticá-los por usar a naturalização para fins puramente utilitários, em prol das vantagens (eles imaginam) que isso poderia lhes dar, e sem qualquer compromisso patriótico ou mesmo apaixonado? (SAYAD, 2004, p.253)” A negação de pertencimento nacional, ele insistiu, não deve ser vista como prova de “algum instinto ruim da parte deles”. Pelo contrário, esses comportamentos podem ser explicados “se os vemos como os efeitos da estigmatização sistemática (SAYAD, 2004, p.255)”.

6 CONCLUSÃO

Abdelmalek Sayad entrou na vida acadêmica durante a Guerra da Argélia, ministrando cursos em Argel, ao mesmo tempo em que seus compatriotas travavam uma insurreição na cidade em um conflito que passou a ser conhecido como a “Batalha de Argel”. Essa luta sangrenta marcou uma virada séria na opinião pública sobre a guerra. Frantz Fanon, por exemplo, deixou seu cargo na administração colonial em 1956 e dedicou-se totalmente à causa da FLN⁶³. Sayad, inicialmente optando por não tomar parte no conflito, decidiu participar de um sindicato estudantil composto por anticolonialistas moderados⁶⁴. Sua oposição ao colonialismo permaneceu pacífica. A partir desse ponto, tentou usar a sociologia, e não a violência, como uma arma contra o poder colonial e, posteriormente, pós-colonial.

Este artigo procurou acrescentar nuances ao entendimento acadêmico de como a posição de Sayad sobre o colonialismo influenciou suas reflexões sobre o Estado-nação. Sua intervenção no debate sobre a questão da imigração

e da nação foi o produto de uma agenda intelectual de longo prazo, marcada indelevelmente pelas experiências pessoais de Sayad com o colonialismo e a luta anticolonial. Sayad sempre entendeu que seus estudos sobre imigração argelina eram uma continuação do trabalho de campo que ele conduziu com Pierre Bourdieu sobre os camponeses da Cabília durante a guerra. Refletindo, mais tarde, em sua vida sobre sua escolha de fazer da imigração seu campo de foco, ele disse:

Para mim, trabalhar com a população argelina que emigrara para a França, que residia na França, era uma maneira de redescobrir os camponeses que eu conhecia ao longo do meu trabalho sociológico na Argélia rural; eles foram transformados em trabalhadores da indústria francesa. Portanto, eu não estava tão longe das minhas origens e dos meus primeiros objetos de estudo (SAYAD; 2002, p.88).

O relacionamento íntimo de Sayad com a imigração e os imigrantes deixou uma profunda impressão em sua sociologia do Estado-nação.

Em 1998, dois anos após a entrevista, acima citada, ele faleceu. A homenagem a Sayad foi instantânea, mas exatamente o que dele deveria ser lembrado permaneceu obscuro, pois aqueles que estavam mais próximos a ele ofereciam interpretações variadas do significado último do trabalho de sua vida. Este artigo teve como objetivo mostrar que, em primeiro lugar, Sayad deve ser lembrado como um anticolonialista. Sua sociologia da imigração e a crítica do republicanismo que ela engendrou devem ser colocadas no contexto da compreensão de Sayad, em sentido restrito, da relação franco-argelina e, em um sentido mais amplo, dos padrões de dominação refletidos em todas as relações entre o Norte e o Sul global.

Pode-se identificar a visão de mundo de Sayad e sua missão como intelectual, mais facilmente, considerando o grande *corpus* de seus escritos no contexto histórico. Levando em consideração todas as suas ideias sobre nacionalidade e imigração, fica claro que Sayad propôs uma crítica de longo alcance ao Estado-nação. Mais do que, talvez, qualquer outro observador da imigração na França durante sua vida, Sayad insistiu na ideia de que estigmatização e marginalização foram costuradas no tecido do Estado-nação. A marginalização do “outro” era necessária para que o Estado-nação tivesse um senso de lógica e para que uma comunidade nacional bem integrada se formasse. Ele argumentou que em sociedades dominantes, como a França, o Estado-nação é inerentemente neocolonial em seu exercício de poder, mesmo após a descolonização.

Sua reprodução de argumentos anticoloniais até o período pós-colonial coloriu sua oposição à virada neorrepública da França no final do século XX. O ceticismo absoluto de Sayad em relação ao sistema republicano foi revelado no contexto de sua crítica geral ao Estado-nação mostrada ao longo desse

texto. Ao contrário de outros sociólogos, não havia uma “solução” discernível apresentada nos escritos de Sayad. Essa ausência de uma solução viável, casada com várias análises mordazes, sugere uma considerável dúvida de sua parte de que a problemática da imigração poderia ser resolvida dentro da estrutura nacional existente na França. Examine a história da República em sua totalidade, disse Sayad a seus leitores, e veremos que as relações de dominação produzidas pelo colonialismo estão profundamente entrelaçadas no tecido da nação. Ele identificou a Argélia como um laboratório para aperfeiçoar o uso da migração na transformação dos povos dominados em capital humano. O fluxo de migrantes que se desenvolveu a partir da conexão franco-argelina não apenas serviu para fortalecer o poder colonial, mas também garantiu que as relações desiguais de poder perdurassem na era pós-colonial. Além disso, Sayad argumentou que, como as ideias sobre a nação e seus cidadãos evoluíram nessa história, a integridade da República está profundamente comprometida, a ponto de as reformas nas instituições existentes parecerem insustentáveis. Mais do que apenas um estudioso da imigração, Sayad também foi um representante significativo das críticas pós-coloniais que, juntamente com as ideias neorrepúblicas, gradualmente se infiltraram nos intensos debates sobre a identidade nacional que predominavam a vida intelectual francesa no final do século XX.

NOTAS

¹ O termo “neorrepúblico” é usado por Emile Chabal para descrever a cultura política da França pós-1970. Ele é usado ao longo deste artigo como uma ferramenta analítica útil para entender o ambiente político e intelectual que forma o pano de fundo deste artigo. Veja Chabal, *Uma República dividida*.

² *Ibid.*

³ Saada, “Abdelmalek Sayad and the Double Absence.”

⁴ Temime, “Un homme-frontière,” 28-36.

⁵ Hargreaves, *Immigration, “Race” and Ethnicity in Contemporary France*; Noiriel, *The French Melting Pot*.

⁶ Derderian, *North Africans in Contemporary France*.

⁷ Silverstein, *Algeria in France*.

⁸ Chabal, *A Divided Republic*.

⁹ *Ibid.*, 193-197.

¹⁰ Saada, “Abdelmalek Sayad and the Double Absence,” 39-43.

¹¹ Jammet, Montlibert, and Yacine-Titouh, *Abdelmalek Sayad*, 88-111.

¹² Schor, *Français et immigrés en temps de crise*, 32-76.

¹³ Hargreaves, *Immigration, “Race” and Ethnicity in Contemporary France*, 141-147.

¹⁴ Herman Lebovics, *Bringing the Empire Back Home*, 115-142.

¹⁵ Weil, *Qu’est-ce qu’un français?*, 177.

¹⁶ Shepard, *The Invention of Decolonization*, 101-135.

¹⁷ Chabal, *A Divided Republic*, 32-54.

¹⁸ For a summary of the multiple intellectual quandaries produced by “postmodernity,” see

¹⁹ Dubet, “SOS-RACISME;” *Immigrations*, 45-50. Wiewiorka and Bataille, *La France raciste*, 9-10, 25-37.

- ²⁰ Schnapper, *La France de l'intégration*, 139-144.
- ²¹ Ibid., 17.
- ²² On "transformative republicanism" see Chabal, *A Divided Republic*, 9-10.
- ²³ Costa-Lascoux, *De l'immigré au citoyen*, 70.
- ²⁴ Ibid., 150-152.
- ²⁵ Schnapper, *La France de l'intégration*, 11-13.
- ²⁶ Ibid., 344.
- ²⁷ Sayad, "Etude de l'immigration algérienne en France," 2-6.
- ²⁸ Dubet, *Immigrations, qu'en savons-nous?*, 85-86.
- ²⁹ On Wieviorka's critique of republicanism, see Chabal, *A Divided Republic*, 193-197.
- ³⁰ Ibid., 78, 76. For Sayad's analysis of immigrant housing, see Sayad, "Le foyer des sans-famille."
- ³¹ Meu uso do termo "outro" coincide com o modo como é empregado nos escritos de Edward Saïd. O próprio Sayad não usou o termo, optando por termos como "não nacional" ao indicar alteridades de imigrantes. Veja Saïd, *Orientalismo*.
- ³² Saïd, *Orientalism*, 75-100.
- ³³ Arendt, *The Origins of Totalitarianism*, 293-297.
- ³⁴ Para uma análise completa da avaliação de Sayad sobre a condição do migrante, consulte Saada, "Abdelmalek Sayad and the Double Absence," 36-39.
- ³⁵ Ibid., 306-307.
- ³⁶ Sobre a análise de Durkheim em relação a "common consciousness," veja Durkheim, *The Division of Labor in Society*, 111-122.
- ³⁷ Christophe Charle, por exemplo, observou que a formulação de políticas republicanas com apoio universitário foi fundamental para a sobrevivência da República nas décadas de 1880 e 1890. Veja Charle, *Naissance des "intellectuels."* Veja também Hughes, *Consciousness and Society*, 57-59.
- ³⁸ Sayad, "Naturels et naturalisés," 26.
- ³⁹ Hargreaves, *Immigration, "Race," and Ethnicity in Contemporary France*, 171-176.
- ⁴⁰ Sayad, "Naturalization," 247.
- ⁴¹ Kristin Ross, *Fast Cars, Clean Bodies*, 8-12; Lebovics, *Bringing the Empire Back Home*, 58-83.
- ⁴² Amelia Lyons, *The Civilizing Mission in the Metropole*, 115-140.
- ⁴³ Abdellali Hajjat. "Rébellions urbaines et déviances policières."
- ⁴⁴ Afinal, os estudos pós-coloniais não haviam sido introduzidos na França até o final dos anos 90. Veja Blanchard e Bancel, *Culture post-coloniale*.
- ⁴⁵ Stora, *La gangrène et l'oubli*.
- ⁴⁶ Gillette and Sayad, *L'immigration algérienne en France*, 17; Bourdieu and Sayad, *Le Déracinement*, 15-27.
- ⁴⁷ Gillette and Sayad, *L'immigration algérienne en France*, 18-19.
- ⁴⁸ As evidências para essa mudança estrutural na economia argelina são substanciadas pelos historiadores Neil MacMaster e Benjamin Claude Brower. Veja MacMaster, *Colonial Migrants and Racism*; Brower, *A Desert Named Peace*.
- ⁴⁹ Ibid., 230. O termo "violência suave" se origina da análise de Bourdieu da "violência simbólica" relativa à dominação cultural na sociedade. Veja Bourdieu, *La Distinction*.
- ⁵⁰ Para uma excelente discussão sobre a "missão civilizadora" da França durante a era imperial, consulte Conklin, *A Mission to Civilize*.
- ⁵¹ Sayad, "Les usages sociaux de la 'culture des immigrés.'"
- ⁵² Scelles-Millie, *Algérie*.

⁵³ Gillette and Sayad, *L'immigration algérienne en France*, 217.

⁵⁴ *Ibid.*, 219.

⁵⁵ *Ibid.*, 198-199.

⁵⁶ Sayad, "L'Islam 'immigré'."

⁵⁷ *Ibid.*, 118-122.

⁵⁸ Sayad, "Le mode de génération des générations 'immigrées,'" 169; "Naturalization," 237

⁵⁹ Sayad, em conjunto com outros estudiosos magrebes, instituiu uma Associação de Pesquisa, Informação, Documentação e Animação (Research Association of Berber Information, Documentation, and Activities). Sayad foi presidente dessa associação nos anos em que esteve na ativa (aproximadamente de 1985 a cerca de 1998, época da morte de Sayad). A associação se esforçou para promover a cultura berbere, organizando conferências sobre pesquisas relacionadas aos Magrebe morando na França e divulgando o trabalho de notáveis artistas berberes. Para obter informações sobre as atividades da vida de Sayad, me beneficieei de uma edição especial sobre Sayad, produzida pela revista *Migrance*. Veja *Migrance* no. 14 (maio de 2004),

http://www.generiques.org/wp-content/uploads/2007/12/Migrance_14.pdf.

⁶⁰ Sayad, "Naturalization," 232-235.

⁶¹ Gillette and Sayad, *L'immigration algérienne en France*, 245.

⁶² *Ibid.*, 246.

⁶³ Le Sueur, *Uncivil War*, 165-190.

⁶⁴ Yacine-Titouh, Jammet, and Montlibert, *Abdelmalek Sayad*, 34-44.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **The Origins of Totalitarianism**. New York: Meridian Books, 1951.

BLANCHARD, P.; BANCEL, N. **Culture post-coloniale, 1961-2006: traces et mémoires coloniales en France**. Paris: Autrement, 2011.

BOURDIEU, P.; SAYAD, A. **Le Déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie**. Paris: Ed. de Minuit, 1989.

BOURDIEU, P. **La Distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Ed. de Minuit, 1979.

BROWER, B. C. **A Desert Named Peace: The Violence of France's Empire in the Algerian Sahara, 1844-1902**. New York: Columbia University Press, 2011.

CHABAL, E. **A Divided Republic: Nation, State and Citizenship in Contemporary France**. New York: Cambridge University Press, 2015.

CHARLE, C. **Naissance des "intellectuels": 1880 - 1900**. Paris: Ed. de Minuit, 1990.

CONKLIN, A. **A Mission to Civilize: The Republican Idea of Empire in France and West Africa, 1895-1930**. Stanford: Stanford University Press, 1997.

COSTA-LASCOUX, J. **De l'immigré au citoyen**. Paris: La Documentation française, 1989.

DERDERIAN, R. **North Africans in France: Becoming Visible**. New York: Ed. Palgrave Macmillan US, 2004.

- DUBET, F. "SOS-RACISME: et la revalorisation des valeurs." *Esprit* 132, no. 11: 42–48, France, 1987.
- DURKHEIM, E. **The Division of Labor in Society**. New York: Free Press, 1997.
- GILLETTE, A.; SAYAD, A. **L'immigration algérienne en France**. Paris: Entente, 1984. Second Edition.
- HAJJAT, A. "Rébellions urbaines et déviances policières: Approche configurationnelle des relations entre les 'jeunes' des Minguettes et la police (1981-1983)". **Cultures et conflits** 93, no. 3, 11-34, 2014.
- HARGREAVES, A. **Immigration, "Race," and Ethnicity in Contemporary France**. London: Routledge, 1995.
- HUGHES, H. S. **Consciousness and Society: The Reorientation of European Social Thought, 1890-1930**. New York: Vintage Books, 1977.
- LEBOVICS, H. **Bringing the Empire Back Home: France in the Global Age**. Durham, NC: Duke University Press, 2004.
- LE SUEUR, J. D. **Uncivil War: Intellectuals and Identity Politics during the Decolonization of Algeria**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001.
- LYONS, A. **The Civilizing Mission in the Metropole: Algerian Families and the French Welfare State during the Decolonization**. Stanford: Stanford University Press, 2013.
- MACMASTER, N. **Colonial Migrants and Racism: Algerians in France, 1900-62**. New York: MacMillan Press Ltd/St. Martins Press, 1997.
- NOIRIEL, G. **The French Melting Pot: Immigration, Citizenship, and National Identity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. Translated by Geoffroy de Laforcade.
- ROSS, K. **Fast Cars, Clean Bodies: Decolonization and the Reordering of French Culture**. Cambridge, MT: Mit Press, 1995.
- SAADA, E. "Abdelmalek Sayad and the Double Absence: Toward a Total Sociology of Immigration." **French Politics, Culture, and Society** 18, no.1, 28-47, 2000.
- SAÏD, E. **Orientalism**. New York: Pantheon, 1978.
- SAYAD, A. "An Exemplary Immigration." In: _____. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge; Malden, Mass, 2004. Translated by David Macey.
- SAYAD, A. "**Étude de l'immigration algérienne en France, étude comparative de cas spécialement choisis en raison de leur pertinence structurale**". Paper presented at the Centre de sociologie de l'éducation et de la culture. Paris, Dec: EHESS, 1979.
- SAYAD, A. "La culture en question." In. CAMILLERI et al. *L'immigration en France: le choc des cultures: actes du colloque "Problèmes de culture posés en France par le phénomène des migrations récentes," mai, 1984*, 9-26. L'Arbresle.
- SAYAD, A. "L'Islam 'immigré.'" In> CAMILLERI, C. et al. **L'immigration en France**. L'Arbresle: Centre Thomas More, 1987.
- SAYAD, A. "Le mode de génération des 'générations immigrées.'" **L'homme et la société**, 111, no. 1: 155–74, 1994. <https://doi.org/10.3406/homso.1994.3377>.

- SAYAD, A. 1980. "Le foyer des sans-famille." **Actes de la recherche en sciences sociales** 32, no. 1: 89–103, 1980. <https://doi.org/10.3406/arss.1980.2082>.
- SAYAD, A. 1979. "Les usages sociaux de la 'culture des immigrés.'" **Langage et société** 9, no. 1: 31–36, 1979. <https://doi.org/10.3406/lisoc.1979.1199>.
- SAYAD, A. 1991. "L'ordre de l'immigration entre l'ordre des nations." pp. 291-311. In. _____. **L'immigration, ou, les paradoxes de l'altérité**. Brussels: De Boeck/Éditions universitaires, 1991.
- SAYAD, A. **La double absence**: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré. Paris: Seuil, coll. "Liber", 1999.
- SAYAD, A. 2004. "Naturalization." pp. 225-263. In. _____. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge;Malden, Mass, 2004. Translated by David Macey.
- SAYAD, A. "Naturels et naturalisés." **Actes de la recherche en sciences sociales** 99, no. 1: 26–35, 1993. <https://doi.org/10.3406/arss.1993.3059>.
- SAYAD, A. "The Three Ages of Immigration." pp.28-62. In. _____. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge: Malden, Mass, 2004. Translated by David Macey.
- SAYAD, A. "The Weight of Words." pp.216-224. In. _____. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge: Malden, Mass, 2004. Translated by David Macey.
- SAYAD, A.; ARFAOUI, H. **Histoire et recherche identitaire**: suivi d'entretien avec Hassan Arfaoui. Saint-Denis: Edition Bouchène, 2002.
- SCELLES-MILLIE, J. **Algérie, dialogue entre christianisme et islam**. Paris: L'Harmattan, 2003.
- SCHNAPPER, D. **La France de l'intégration**: sociologie de la nation en 1990. Paris: Gallimard, 1991.
- SCHOR, R. **Français et immigrés en temps de crise**: 1930-1980. Paris: L'Harmattan, 2004.
- SILVERMAN, M. **Facing Postmodernity**: Contemporary French Thought on Culture and Society. London - New York: Routledge, 1999.
- SHEPARD, T. **The Invention of Decolonization**: the Algerian War and the Remaking of France. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2006.
- SILVERSTEIN, P. A. **Algeria in France**: Transpolitics, Race, and Nation. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- STORA, B. **La gangrène et l'oubli**: la mémoire de la guerre d'Algérie. Paris: La Découverte, 1991.
- TEMIME, E. "Un homme-frontière." Special issue. **Migrance** 14, no. 1: 28-36, 2004.
- WEIL, P. **Qu'est-ce qu'un français?**: histoire de la nationalité française depuis la Révolution. Paris: Gallimard, 2002.
- WIEVIORKA, M.; BATAILLE, P.; JACQUIN, D. **La France raciste**. Paris: Seuil, 1992.
- YACINE-TITOUH, T.; JAMMET, Y.; MONTLIBERT, C. **Abdelmalek Sayad**: la découverte de la sociologie en temps de guerre. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2013.

RESUMO

Este artigo examina as análises críticas do sociólogo Abdelmalek Sayad sobre o Estado-nação. Produzida nas décadas de 1980 e 1990, a crítica de Sayad ao Estado-nação consistiu em dois elementos principais: o primeiro foi desconstruir a lógica excludente e, por extensão, paradoxal do Estado-nação; o segundo foi revelar como o colonialismo moldou a dinâmica do poder incorporada ao sistema republicano. Os escritos de Sayad são comparados com outras análises socioestatais produzidas ao mesmo tempo na França, a fim de esclarecer a singularidade e a natureza de longo alcance da crítica do sociólogo argelino. Sua oposição ao Estado-nação como construto sociopolítico foi total e, por extensão, também a oposição ao neorrepblicanismo francês. O artigo também sugere que o envolvimento de Sayad no debate sobre imigração e nação foi um produto de sua agenda intelectual anticolonial de longo prazo.

Palavras-chave: imigração, nação, cidadania, pós-colonialismo, história

ABSTRACT

This article examines late sociologist Abdelmalek Sayad's critical analyses of the nation-state. Produced during the 1980s and 1990s, Sayad's critique of the nation-state consisted of two major elements: the first was to deconstruct the exclusionary and by extension paradoxical logic of the nation-state; the second was to reveal how colonialism shaped the dynamics of power embedded into the republican system. Sayad's writings are compared to other socio-analyses of the nation-state produced at the same time in France in order to shed light on the uniqueness and far-reaching nature of Sayad's critique. His opposition to the nation-state as a socio-political construct was total, and by extension, so was his opposition to French neo-republicanism. The article also suggests that Sayad's engagement in the debate over immigration and the nation was the product of his long-term anti-colonial intellectual agenda.

Keywords: immigration, nation, citizenship, postcolonialism, history